

O presente do indicativo e o pretérito perfeito no dialeto caipira de *Saudosa Maloca*

Victor Hugo Scanavachi Dias

Mestrando em Linguística e Língua Portuguesa

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara, Brasil.

Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

E-mail: victor.scanavachi@unesp.br

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0265-3561>

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicidade:

Chamada temática

Volume 5

Número 2

Recebido em: 10/03/2020

Aprovado em: 06/04/2020

Resumo

Este artigo apresenta uma breve análise e demonstração de um traço distintivo da primeira pessoa do plural nos verbos transitivos diretos quando ocorrem no *dialeto caipira*, que se dá pela realização de elevação vocálica, não sendo uma simples variação morfêmica. Utilizaremos como objeto de análise a música *Saudosa Maloca* de Adoniran Barbosa para exemplificar a realização de /e/ no lugar de /a/ - *pegamo* e *peguemo* - como sendo uma distribuição distintiva morfológica que indica o tempo verbal. Buscaremos discorrer sobre a significação e distinção entre estas duas formas de realização dos verbos que pertencem ao mesmo paradigma.

Palavras-chave:

Variação linguística, Dialeto caipira, Sociolinguística.

1 Considerações preliminares

Este trabalho busca problematizar o fenômeno da concordância verbal de primeira pessoa do plural (1PP) em verbos regulares para o presente (IdPr) e pretérito perfeito (IdPt2), demonstrando que a variedade não-padrão denominada por *dialeto caipira* a faz por distinção temporal, deste modo, não sendo apenas uma variação morfêmica.

O preconceito linguístico, amplamente divulgado e combatido por diferentes teóricos, está presente em diversas esferas da sociedade e se dá pela estigmatização de qualquer grupo social que utilize uma variedade não-padrão do português. Leite (2008) afirma:

não tem origem na crítica, mas na tradição, no costume ou autoridade e pode construir-se sobre o que nem foi pensado, mas assimilado culturalmente e a intolerância, por sua vez, nasce, necessariamente de julgamentos de contrário e se manifesta discursivamente. É o resultado da crítica e do julgamento de ideias, valores, opiniões e práticas. (LEITE, 2008)

Bagno (1999) destaca que no Brasil existem diversos dialetos e diversidades no português, que são vítimas do preconceito linguístico, ocasionando injustiça social, e até má distribuição de renda. Este preconceito que se desdobra em inúmeras consequências, como a exclusão social dos falantes das variedades estigmatizadas, gera uma falsa ideia de que existe uma maneira “correta” de se falar, que se sustenta com base na gramática normativa ensinada nas escolas. Isto é problemático por diversas razões, mas a principal é criar a ilusão de que a língua não muda, de que sempre haverá apenas uma maneira de se falar e apenas esta maneira seria a “correta”.

O preconceito consiste em presumir que os falantes que se utilizam de uma variedade menos prestigiada seriam “burros” e estariam falando “errado”. Um dos grupos afetados por este preconceito são os falantes da variedade denominada *dialeto caipira* por Amadeu Amaral (1982[1920]). A obra de mesmo nome lançada em 1920 se tornou um marco da dialetologia brasileira, de acordo com Castro (2006, p. 1937):

(...) 1º) trata-se da primeira tentativa de descrever de forma abrangente um falar regional brasileiro [...] 2º) do ponto de vista metodológico, o trabalho se orienta por princípios rigorosos, que Amaral considera indispensáveis na investigação dialetológica e que conferem confiabilidade à sua descrição.

Os falantes desta variedade são, comumente, pertencentes a uma comunidade de fala com o traço [+rural] e que viveram de maneira mais isolada, desta forma mantendo maneirismos e características de um português mais arcaico. De acordo com Candido (2004, p. 269):

(...) a cultura do caipira não é nem nunca foi um reino separado, uma espécie de cultura primitiva independente como a dos índios. Ela representa a adaptação do colonizador ao Brasil e, portanto, veio na maior parte de fora, sendo sob diversos aspectos sobrevivência do modo de ser, pensar e agir do português antigo. Quando um caipira diz “pregunta”, “mo’que”, “despois”, “vassuncê”, “tchão” (chão), “dgente” (gente), não está estragando por ignorância a língua portuguesa; mas apenas conservando antigos modos de falar que se transformaram na mãe-pátria e aqui. Até o famoso erre retroflexo, o erre de Itur ou de Tietêr, que se pensou devido à influência do índio, viu-se depois que pode bem ter vindo de certas regiões de Portugal.

O caipira possui traços linguísticos característicos: o falar cantado com um ritmo calmo e alongado nas vogais; os metaplasmos, que são os apagamentos por supressão de fonemas (“*mó’que*: modo de quê, *bá’d’arvre*: em baixo da árvore); a metátese, que é a transposição de um fonema em uma mesma sílaba de um vocábulo (BOTELHO, 2005) como em *pergunta* / *pregunta*; o r retroflexo; dentre outras características.

Há na literatura muitos trabalhos que estudam e descrevem este dialeto caipira demonstrando sua imensa importância para o português brasileiro, em tão alto grau que este dialeto se tornou patrimônio imaterial de Piracicaba¹. Por este motivo, iremos tratar apenas de um aspecto, a realização da forma não-padrão na 1PP em verbos regulares de primeira e segunda conjugação para demonstrar que a utilização de certas formas não são apenas um traço de identidade, mas sim um recurso de extrema complexidade utilizado pelo povo caipira, nada “burro” ou “errado” como ditam os preconceitos.

2 Fundamentação teórica

No português brasileiro (PB), Mattoso Câmara (2010 [1970]) descreve uma *neutralização verbal* entre o presente e o pretérito perfeito, com exceção de alguns verbos irregulares, portanto no português padrão, utilizaríamos a mesma forma verbal para ambos os tempos, ambiguidade que só é eliminada com a utilização de adjuntos adverbiais de tempo.

Câmara Junior (2010 [1970]) e Bechara (2008) já destacaram que a vogal tônica no PB como em ‘*pegamos*’(IdPr) e ‘*pegámos*’(IdPt2) não se distingue na pronúncia, diferentemente do português europeu (PE) que marca a distinção com o fonema /v/ em *pegámos*(IdPr) e o fonema /a/ em *pegamos*(IdPt2), -amos(nasalisado) e -á-mos respectivamente. Desta forma, no português europeu a distinção temporal seria feita de maneira gráfica e fonética, já que há a nasalização da vogal em *pegámos*(IdPr).

¹ “Conselho torna fala caipira patrimônio imaterial de Piracicaba”. Disponível em <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,conselho-torna-fala-caipira-patrimonio-imaterial-de-piracicaba,10000070663> Acesso em 25 de junho de 2019.

Dentro da metafonía, que se caracteriza pela alteração, seja elevação ou abaixamento do tom ou altura de uma vogal por condicionamento de uma outra próxima a ela (BOTELHO e LEITE, 2005. p. 8; DUBOIS et. al., 2014, p. 381), temos o fenômeno de elevação da vogal tônica, presente no caso destacado acima.

Este fenômeno, seja em primeira conjugação (*peguemo*, do verbo *pegar* CI) ou terceira conjugação (*fumos*, do verbo *ir* CIII), está ligado estritamente ao contexto rural (AMARAL, 1920; BORTONI-RICARDO, 1990) e são traços de um português europeu arcaico e está associado ao sufixo -mo (número e pessoa).

As formas não-padrão ocorrerem no IdPt2, enquanto as formas padrão ocorrem em IdPr é uma característica do “PB falado”, assim como afirma Castilho (1992, p. 250) sobre a característica da “elevação da vogal temática *a* para *e* e para *i* no pretérito perfeito do indicativo, para distingui-lo do presente do indicativo: *fiquemo* (por *ficamos*), *bebimo* (por *bebemos*)”.

Bortoni-Ricardo (2011, p.234) também afirma que “na variedade caipira, a variante /mu/ geralmente concorre com a mudança de vogal temática (/a/ > /e/) nos pretéritos da primeira conjugação”.

Para seguirmos falando da possibilidade de variação e variável, vemos necessária a exposição breve de tais conceitos.

Sobre a Sociolinguística, Camacho (200, p.50) discorre:

neste enfoque, o exame da linguagem no contexto social é tão importante para a solução de problemas próprios da teoria da linguagem, que a relação entre língua e sociedade é encarada como indispensável, não mero recurso interdisciplinar. Como a linguagem é, em última análise, um fenômeno social, fica claro para um sociolinguísta, que é necessário recorrer às variações derivadas do contexto social para encontrar repostas para os problemas que emergem da variação inerente ao sistema linguístico. (CAMACHO, 2000, p.50)

A variação é um fator da língua conhecido de longa data, mas tem sido objeto de estudo principalmente da Sociolinguística Variacionista. Segundo Labov (2008, p. 222) é comum que uma língua tenha “diversas maneiras alternativas de se dizer ‘a mesma’ coisa”.

Esta variação linguística pode ser descrita ou compreendida com base em fatores históricos, sociais e regionais de um determinado falante. A Sociolinguística considera a sociedade como uma estrutura, portanto a tarefa da Sociolinguística é demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social, podendo demonstrar até mesmo uma relação causal em uma ou outra direção (BRIGHT, 1974). Considera ainda a língua como heterogênea, isto é, possui diferentes formas de se dizer a mesma palavra. Beline (2003) exemplifica o que é esta variação:

[...] é um exemplo de variação no léxico do português: “jerimum” e “abóbora” são palavras do português falado no Brasil. Não importa se uma é mais comum num lugar e menos comum no outro. E também não importa se em algum lugar apenas um dos termos seja usado invariavelmente - fato que denominamos uso categórico. O que importa inicialmente, no estudo da

variação linguística, é que ambos os vocábulos podem ser usados para fazer referência a um determinado fruto, de uma determinada planta, que tem um determinado tamanho, uma determinada cor, enfim, um conjunto de características que não permite que ele seja chamado "tomate", por exemplo. (BELINE, 2003, p. 122)

Consideramos aqui a possibilidade da variação livre da vogal temática (variável), um caso de alomorfa, onde os morfemas não distinguem o sentido das palavras em que figuram.

A Sociolinguística também considera de extrema relevância o dado concreto, em situação real de fala, deste modo, qualquer enunciado possui relação direta com a identidade do sujeito, assim, os falantes de diferentes regiões se valem de diferentes variedades da língua para marcar e diferenciar as dimensões sociais e identificatórias (BORTONI-RICARDO, 2011; 2005).

3 Objeto de análise

Adoniran Barbosa é o nome artístico de João Rubinato, um cantor, ator e comediante natural de Valinhos – SP, é uma representação do cidadão do interior paulista, um cidadão pobre com sotaque italiano misturado ao caipira. É um dos nomes mais importantes do samba brasileiro e possivelmente o maior nome do samba paulista. Compôs a música *Saudosa maloca*, que retrata a exclusão da parte pobre da população nas cidades grandes como São Paulo, que cresciam rapidamente substituindo as casas velhas pelos *edifícios artos*.

Sabemos que a música é parte de uma performance, mas as escolhas do autor não podem ser tomadas como aleatórias, consideramos que as escolhas lexicais e os traços morfossintáticos da música representam de maneira fidedigna, às vezes de maneira caricata, o falar caipira.

Apresentaremos a música, seguida de uma breve exposição teórica e de contribuições já existentes acerca desta realização verbal, nossa análise e a conclusão sobre este fenômeno linguístico.

Saudosa maloca – Adoniran Barbosa²

Se o senhor não tá lembrado
 Dá licença de contá
 Que aqui onde agora está
 Esse adifício arto
 Era uma casa véia
 Um palacete abandonado

² Transcrição do autor deste artigo. Áudio disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=OrQIMUe2uBQ>. Acesso em 25 de junho de 2019.

Foi aqui seu moço
 Que eu, Mato Grosso e o Joca
 Construimos nossa maloca
 Mas um dia, nem quero me lembra
 Veio os homis cas ferramentas
 O dono mandô derrubá

Peguemo tudo a nossas coisas
 E fumos pro meio da rua
 Apreciar a demolição
 Que tristeza que eu sentia
 Cada táuba que caía
 Doía no coração

Mato Grosso quis gritá
 Mas em cima eu falei
 Os homis tá com a razão
 Nós arranja outro lugar
 Só se conformemos quando o Joca falou
 "Deus dá o frio conforme o cobertor"

E hoje nós pega páia nas gramas do jardim
 E prá esquecê, nós cantemos assim
 Saudosa maloca, maloca querida
 Que dim donde nós passemos dias feliz de nossa vida
 Saudosa maloca, maloca querida
 Que dim donde nós passemos dias feliz de nossa vida

4 Análise dos dados

Para exemplificar a nossa afirmação – de que no dialeto caipira há a distinção temporal pela realização da elevação vocálica – iremos analisar o contexto de ocorrência na música de Adoniran Barbosa. Para que pudéssemos sustentar tal afirmação, seria necessário o registro em situações reais de fala, o que não buscamos neste artigo.

Castilho (1992) e Bortoni-Ricardo (2011) declararam a tendência desta elevação, que é a pronúncia de uma vogal mais *fechada* ou *grave*, ocorrer com maior frequência no tempo verbal do pretérito perfeito, checaremos então em quais contextos essa realização se dá na música analisada, se ocorre especificamente neste tempo verbal, se há ocorrência de elevação da vogal temática em outros verbos em diferentes tempos verbais ou características que indicariam uma variação livre. Temos presente na canção os seguintes verbos em suas respectivas flexões:

a) *peguemo*, no verso 13 “Peguemo tudo a nossas coisas”, é a realização do pretérito perfeito da primeira pessoa do plural do verbo de primeira conjugação

pegar. A elevação vocálica acontece de /a/ para /e/ e ocorre a apócope – uma supressão vocálica no final da palavra – do morfema -s, o *u* age como vogal de ligação. *Peguemo* é o resultado de um apagamento da letra S e da alteração na pronúncia da vogal de *a* para *e* na palavra *pegamos*, ou seja, a elevação vocálica de *a* para *e* mais a adição da vogal de ligação *u* e o apagamento do *s* resulta em *peguemo*.

b) *fumos*, no verso 14 “E *fumos* pro meio da rua”, é a realização do verbo irregular de terceira conjugação *ir* no tempo IdPt2 da 1PP. A elevação vocálica se dá na troca do /o/ pelo /u/. Supomos que por conta de uma hipercorreção, neste caso não ocorreu a apócope, o autor manteve o -s. *Fumos* é, portanto, a realização de *fomos*, após alteração da vogal *o* para *u*.

c) *conformemos*, no verso 23 “Só se *conformemos* quando o Joca falou”, é a realização do verbo *conformar* na 1PP no IdPt2, *conformamos*. Há a substituição do /a/ pelo /e/ e neste caso também não ocorreu a supressão do morfema numeral -s.

d) *cantemos*, no verso 26 “E prá esquecê, nós *cantemos* assim”, é a realização do verbo *cantamos* no pretérito perfeito da primeira pessoa do plural. A elevação vocálica se dá pela substituição do /a/ pelo /e/. O morfema de número -s foi mantido e não houve a apócope.

e) *passemos*, no verso 28 “Que dim donde nós *passemos* dias feliz de nossa vida” também passou pela elevação vocálica do /a/ para o /e/. Trata-se do verbo *passar* na 1PP do IdPt2.

Em todos os casos os verbos passaram pelo fenômeno fonético de elevação ou açamento vocálico, em apenas um caso, *peguemo*, houve o apagamento do último morfema, este fenômeno denomina-se apócope. também em todos os casos o contexto é de passado. Com exceção do verbo irregular *ir*, os verbos restantes acima listados são de 1ª conjugação. Não identificamos a ocorrência de elevação da vogal tônica em nenhum outro cenário.

5 Conclusão

De acordo com os dados demonstrados, constatamos que todos os casos de ocorrência da forma não-padrão estão no pretérito perfeito. A elevação vocálica também só ocorre nestes casos, sempre acompanhado do SNP -*mos* ou apenas -*mo* quando há a supressão. Apesar de outros fenômenos fonético-fonológicos, a metafonia só ocorre, com exceção de *homis* (L11, 21), nos verbos na 1PP do IdPt2.

Caso houvesse alguma dúvida em relação ao verbo realmente estar no pretérito perfeito, poderíamos utilizar o contexto e a música como um enunciado único para nos certificar de que de fato se trata do tempo verbal em questão.

Consideramos *a priori* a possibilidade de uma alomorfia da vogal temática, porém não encontramos nenhuma outra realização para correlacionar com a forma não-padrão. Consideramos esta elevação (-e- e -a-; -u- e -o-) como morfemas opositivos para função de tempo verbal.

Para que fossem consideradas variantes seria necessário que os morfemas mantivessem o mesmo significado da variável, o que não ocorre no corpus analisado.

Temos ciência de que o corpus é apenas um recorte e não retrata a realidade do PB falado, nem a totalidade de uma comunidade de fala. Caso o uso em uma comunidade de fala real apresente a variabilidade das formas dos verbos, estaremos diante de uma alomorfia da vogal temática, morfemas livres que atribuem o mesmo significado no verbo.

Por fim, consideramos que as formas dos verbos como *peguemo*, *vortemo*, *cantemo* não são “erradas”, “burras” ou simples variação, são recursos estruturados de maneira complexa e regular para se valer de uma comunicação não ambígua, que produz uma distinção de tempo que não ocorre na fala do português padrão.

Referências

- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1976 [1920].
- BECHARA, E. **O que muda com o Novo Acordo Ortográfico**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, (2008).
- BELINE, R. A variação linguística. In: FIORIN, J.L. (org) **Introdução à Linguística. Vol.1: Objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2003. p.121-140.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BOTELHO, J. M.; LEITE, I. L.. **Metaplasmos contemporâneos: um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da língua portuguesa**. Anais do CLUERJ-SG, São Gonçalo. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/ii/completos/comunicacoes/isabellelinsleite.pdf>. Acesso em 25 jun. 2019.
- BRIGHT, W. As dimensões da sociolinguística. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (Org.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- CAMACHO, R.G. Sociolinguística. Parte II. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (orgs) **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.
- CÂMARA JUNIOR, J. M.. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 41.ed. Petrópolis: Vozes, 2010 [1970].
- CÂMARA JUNIOR, J. M. **Princípios de Linguística Geral: como introdução aos estudos superiores de língua portuguesa**. 5.ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, (1980).
- CANDIDO, A. Caipiradas. In: CANDIDO, A. **Recortes**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul., 2004.
- CASTILHO, A. T. de. O Português do Brasil. In: ILARI, R. **Linguística Românica**. São Paulo, Ática, 1992, p.237-285.
- CASTRO, V. S.. Revisitando Amadeu Amaral. **Estudos Linguísticos XXXV**. 53º Seminários do GEL - UFSCar, São Carlos, 2005. p. 1937-1944.
- DUBOIS, J. et. al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2014.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LEITE, M.Q. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

The present indicative and perfect past tense in the “caipira” dialect of Saudosa Maloca

Revista Falange Miúda
ISSN 2525-5169

Periodicity:
Thematic issue

Volume 5
Number 2

Received in: 10/03/2020
Approved in: 06/04/2020

Abstract:

This paper presents a brief analysis and demonstration of a distinctive trait of the first-person plural in direct transitive verbs when they occur in the “caipira” dialect, which occurs through the realization of vowel elevation, which is not a simple morphic variation. We will use the music Saudosa Maloca by Adoniran Barbosa as an object of analysis to exemplify the realization of /e/ in place of /a/ - “pegamo” and “peguemo” - as a distinctive morphological distribution that indicates the verbal tense. We will seek to discuss the meaning and distinction between these two forms of realization of verbs that belong to the same paradigm.

Keyword:

Sociolinguistics, Caipira dialect, Language variation.